

A colcha de retalhos: costurando os diálogos da política de assistência estudantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com o cotidiano

The Patchwork Quilt: Weaving Together the Discussions on Student Services Policy at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) with Everyday Life

Michele Rabelo*

Resumo: Este artigo apresenta a descrição dos resultados de uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) intitulada como “Diálogos entre a Política de Assistência Estudantil da UFRJ com o cotidiano” que faz parte dos pré requisito a obtenção do título acadêmico do programa de mestrado em Educação da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). O objetivo do texto é suscitar a reflexão do desenvolvimento da assistência estudantil como política pública no cotidiano universitário. O artigo aborda o cotidiano na representatividade da colcha de retalhos, como produção de totalidade de sentido, o que significa refletir a cerca dos diferentes sujeitos que o vive e a potência criadora deles, no qual cada um sente e visualiza a partir da sua realidade e singularidade. Além disso, o texto apresenta os resultados de um estudo que se configura como uma pesquisa narrativa com base na experiência do vivido com o cotidiano e que guiada pelo paradigma indiciário busca no conceito de memória, às experiências que sustentam a narrativa. E através dos resultados compreendemos que torna-se evidente que os profissionais atuantes no contexto de prática das políticas possuem um papel ativo e vivo no desenvolvimento da política pública de educação (Ball, 1994 apud Mainardes, 2006).

Palavras-chave: Assistência estudantil; Cotidiano; Política pública.

Abstract: This article presents the results of a study conducted at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) titled “Dialogues Between UFRJ’s Student Assistance Policy and Everyday Life,” which is a prerequisite for obtaining a master’s degree in Education from the Catholic University of Petrópolis (UCP). The purpose of this text is to prompt reflection on the development of student assistance as a public policy within everyday university life. The article approaches everyday life through the metaphor of a patchwork quilt—as a production of total meaning—which involves reflecting on the different individuals who experience it and their creative potential, in which each person perceives and visualizes it based on their own reality and uniqueness. Furthermore, the text presents the results of a study that takes the form of narrative research based on lived experiences of daily life and, guided by the indicatory paradigm, draws on the concept of memory to explore the experiences that underpin the narrative. Through these results, it becomes

* Sou assistente social, graduada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), desde 2015 exerço minha prática profissional na área de assistência estudantil na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente faço parte da equipe da Coordenação de Desenvolvimento Educacional e Suporte Acadêmico (CODESA) do Campus UFRJ Duque de Caxias Professor Geraldo Cidade. Agradeço a contribuição dos meus professores do mestrado para o meu amadurecimento acadêmico e intelectual me fazendo duvidar das minhas certezas, sempre com muita amorosidade e gentileza, em especial Sandra Bortolotti, Leandro Ricon, Marcelo Mocarzel, Cintia Chung.

evident that professionals working within the context of policy implementation play an active and vital role in the development of public education policy (Ball, 1994, as cited in Mainardes, 2006).

Keywords: Student services; Daily life; Public policy.

Introdução

O presente artigo descreve os resultados alcançados através dos estudos realizados com a pesquisa narrativa “Diálogos entre a Política de Assistência Estudantil da UFRJ com o cotidiano” que integra a Linha de Pesquisa 1- Instituições Educacionais, políticas públicas, práticas educativas do Programa de Mestrado em Educação do Centro de Teologia e Humanidades da Universidade Católica de Petrópolis (UCP) . Os estudos foram realizados de fevereiro de 2023 a fevereiro de 2025 e orientada pela professora Dra. Sandra Bortolotti. Por sua vez, o caminho metodológico escolhido para alcançar os objetivos propostos foi a pesquisa narrativa com base na experiência do vivido (Lima et. al. 2015) e que, conduzida pelo paradigma indiciário (Ginzburg, 2002) busquei na minha memória (Benjamin, 2012) as minhas experiências (Benjamin, 2012) e que, orientada pelos referenciais teóricos, foi possível a reflexão necessária em busca dos entendimentos que o estudo propôs.

Nessa perspectiva, durante o desenvolvimento da pesquisa, busquei em Paulo Freire a inspiração para denominar e organizar a apresentação estética do trabalho, em contos que, ao mesmo tempo, se configuram como o que apresentei como cenas do cotidiano. E, dada a relevância das políticas públicas para a pesquisa citada, os estudos do ciclo de políticas de Stephen Ball me forneceram elementos para a construção do diálogo que realizei, com a finalidade de refletir sobre a natureza complexa e controversa das políticas educacionais.

Assim, o artigo está configurado em três partes: na primeira apresento o conceito da colcha de retalhos, posteriormente, abordo os resultados do que me foi possível perceber até o presente momento através da narrativa dos contos e, na terceira parte, a título de encerramento, faço as considerações finais.

A colcha de retalhos

Olhando e sentindo o cotidiano de uma universidade percebi que ele se organiza e se materializa como uma grande colcha de retalhos. Cotidiano é a palavra que usamos em relação à vida diária, considerando os diferentes sujeitos que o criam e partilham deste espaço e, ao mesmo tempo, são formados por ele, entendo como:

“espaçotempo de produção de totalidade de sentido, situa os sujeitos como centro de tal totalidade. Cada um com sua singularidade, percebe e compreende o mundo a partir do seu lugar, do centro desse horizonte que se estende diante dele. O horizonte pode ser entendido como aquilo que somos capazes de perceber do lugar no qual nos posicionamos e ao mesmo tempo uma linha aparente que parece unir o céu e o mar. A mim traz a ideia de uma finitude-infinita, uma vez que do meu lugar vejo um determinado campo visual que é finito, mas ao unir céu e mar, dá-me a ideia de infinito” (Eckardt, 2020. p.101).

Pensar o cotidiano universitário significa refletir os diferentes sujeitos que o vivem e a potência criadora deles, na qual cada um sente e visualiza a partir da sua realidade e singularidade. Significa, principalmente, considerar a heterogeneidade e diversidade de realidades, que se expressam em cada pedacinho de retalho e que juntos formam um grande tecido.

Quando eu olho para uma colcha de retalhos, vejo a importância de cada pedacinho de tecido costurado ali, cada um com suas singularidades, sabedorias e realidades, ela é formada a partir da costura e da união de vários pedacinhos de panos em diferentes tamanhos e diversas estampas que juntos compõem um grande tecido. A costureira passa muito tempo guardando e juntando aqueles retalhos que sobram das peças costuradas e, quando há uma quantidade suficiente, ela cuidadosamente começa a unir pedacinhos por pedacinhos e, esses retalhos juntos formam uma colcha que foi feita a partir de um material que seria descartado, dando uma nova vida e utilidade para aquilo que seria o resto, o desvalorizado (Rabelo, 2026).

A singularidade da colcha de retalhos está na miudeza, na imperfeição, na potência do simples e representa o reuso dos restos. Cada pedacinho de pano costurado transporta consigo pessoas, memórias, experiências e histórias e são tramas e dramas vividos por gente que narram quem somos e a nossa história. É uma peça única, assinada por muitos, que representa o entrelaçamento de trajetórias individuais que contam uma história

múltipla. E, quando visualizamos aquele grande tecido, somos capazes de reviver cada momento narrado ali através dos retalhos: uma saudade, uma lembrança, uma celebração, uma conquista (idem.)

Contra-pondo-se a colcha de retalhos, o *patchwork* significa uma técnica de artesanato que também consiste na união de pedaços de panos. No entanto, é confeccionado a partir de tecidos comprados, escolhidos em cores e estampas que criam uma harmonização entre si. Os recortes de tecidos são frios, não contam histórias e se configuram como mercadorias compradas em uma loja qualquer. Além disso, há uma variedade de cursos oferecidos na *internet* para ensinar a confeccionar o *patchwork* para a geração de renda, ou seja, é um produto que pode ser feito em grandes quantidades, produzidos em série (Rabelo, 2026).

Vejo que a boniteza e a esperança da educação e da vida cotidiana se encontram na definição da colcha de retalhos. Por isso, a pesquisa narrativa realizada no meu mestrado foi organizada esteticamente como uma colcha de retalhos a qual confeccionei narrando as memórias das experiências vividas em meu cotidiano de vida e de prática profissional junto com os estudantes e com os colegas de trabalho. Essas memórias foram representadas esteticamente em retalhos que costurei com os fios e o auxílio de grandes costureiras, das autoras e dos autores que usei como referencial teórico e o que me foi possível compreender através desta narrativa e da prática reflexiva está descrito a seguir.

Costurando os retalhos

O processo de realização da pesquisa me conduziu a olhar a minha trajetória vivida, buscando as experiências guardadas na minha memória, refletindo sobre elas e a luz dos autores estudados olhar novamente o cotidiano, compreendendo-o como o lócus do contexto da prática, uma das etapas do ciclo de políticas proposto por Ball (1994 *apud* Mainardes, 2006). Dessa forma, tive a oportunidade de admirar os acontecimentos vividos por mim com os estudantes e com os meus colegas servidores e compreender que juntos formamos o cotidiano universitário e que ao viver, produzimos vida e experiências e, por isso, conhecimento.

Assim, o referencial teórico usado na minha pesquisa me auxiliou a repensar e refletir sobre as minhas experiências vividas nesses mais de dez anos de trabalho na universidade e que por sua vez, esse conhecimento adquirido volta-se a guiar as minhas ações no cotidiano com os estudantes. Penso esse movimento de *ação-reflexão* em Paulo Freire como uma oportunidade de readmirar o mundo. Sendo uma expressão recorrente na obra Freiriana ela significa o binômio da unidade dialética da práxis supondo que esta seja o fazer e o saber reflexivo da ação, “(...) o saber que realimenta criticamente o fazer, cujo resultado incide novamente sobre o saber e, assim, ambos se refazem continuamente” (Kronbauer, 2008, p.27).

Nessa perspectiva, Freire (2022b) afirma que isento desta dialética *ação-reflexão*, o conhecimento torna-se idealista e a prática meramente mecânica. Assim, afirmo que o ato de conhecer requer necessariamente um movimento dialético que vai da ação a reflexão sobre ela e desta para uma nova ação. Por isso, o autor defende que apreender a ler e a escrever, possibilita a oportunidade do poder de dizer a sua palavra, e se configura como um comportamento humano no mundo que envolve *ação-reflexão*. E então, através desse exercício *ação-reflexão* temos a possibilidade de refletir sobre nossas limitações e podemos projetar a ação para transformar a realidade que nos condiciona.

Considerando que o movimento de *ação-reflexão* direcionou a minha escrita e me conduziu ao exercício de extrair conhecimento a partir da minha memória e que por sua vez o conhecimento produzido direciona as minhas ações profissionais, faço um recorte, extraindo da narrativa as lições que me auxiliaram a admirar o cotidiano e o mundo. No primeiro conto, retalho *querer bem* recuperei em minhas memórias às minhas experiências vividas na educação escolar trazendo para a narrativa a importância da afetividade na prática educativa. Assim, conduzida pelas ideias defendidas por Paulo Freire (2022b) descobri uma relação com a minha escola, permeada pela afetividade, que até então não era percebida por mim.

Ao rememorar minha infância, vejo que tive a oportunidade de viver uma educação escolar conduzida pela amorosidade, pelo afeto e pelo acolhimento. E entendo que isso que considero um diferencial foi possível devido ao convívio diário e comunitário com todas as pessoas que trabalhavam na escola. As professoras, as merendeiras e toda a comunidade escolar, faziam parte da nossa vida extra muro

institucional e, somado ao número reduzido de alunos, tínhamos um vínculo muito forte com todos que faziam parte da escola.

Reencontrando a minha infância e esmiuçando as experiências encontro-me com a profissional que me tornei trabalhando em um *Campus* universitário, atendendo estudantes que assim como eu, são originários de famílias que compõem as classes populares brasileiras e percebi que também estabeleço com eles, assim como todos da nossa equipe, um vínculo de acolhimento, sensível e atento às suas demandas. E com isso compreendo que essa relação também contribuiu para o desenho das políticas de assistência estudantil no cotidiano acadêmico.

Dessa forma, compreendi o que Ball (1994 *apud* Mainardes, 2006) ressaltou que torna-se evidente que os profissionais atuantes no contexto de prática das políticas possuem um papel ativo e vivo no desenvolvimento da política pública de educação, ousou afirmar que os estudantes que podem se beneficiar dessa rede de apoio baseada na amorosidade serão mais escutados e, por conseguinte, terão mais probabilidade de terem suas necessidades respondidas e assim reduzir as possibilidades de evasão, retenção e reprovação na vida universitária.

No segundo conto, retalho *diálogo*, rememorei que o olhar delicado e a escuta atenta dos servidores que trabalham no universo acadêmico conduz o nosso encontro com o outro e, através de uma ação dialógica, temos a oportunidade de compreendermos os estudantes, possibilitando a ampliação do acesso ao direito a assistência estudantil. Nessa narrativa, abordei o diálogo em Paulo Freire (2022b) como uma condição existencial, destacando que é preciso resgatar o direito de dizer a palavra a todos àqueles e àquelas que historicamente, lhes foram negado. A luta em prol da assistência estudantil se fundamenta na ação dialógica como instrumento de libertação das classes populares. E com isso, afirmo que a palavra é um ato de práxis e de transformação da realidade como uma ação coletiva.

Dando seguimento, no terceiro conto, retalho *ser inacabado*, percebi que a trajetória que cursei no mestrado, conduzida pelos autores lidos, aulas assistidas, participação no grupo de pesquisa, contato com os professores e com os colegas de turma me trouxeram um novo olhar para pensar a produção de conhecimento científico e também a minha vida. Em Paulo Freire (2022) compreendi a grandiosidade de pensar o homem como *ser inacabado*, e refletir que é a consciência de que nossa existência não é

predeterminada que nos faz sensíveis e em um constante movimento de busca por mudança em nosso relacionamento com o outro e com o mundo.

Compreendi também o cotidiano universitário e refletindo em relação aos diferentes sujeitos que o criam e partilham deste espaço, sendo ao mesmo tempo formados por ele, destaco que nosso *inacabamento* é enriquecido pelo outro, cada um com suas singularidades, sabedorias e realidades, que contribuem para a riqueza da construção de sentidos e significados produzidos e vivenciados no cotidiano da vida acadêmica.

O quarto conto, retalho *gente*, percebi que os estudantes assistidos pelas políticas públicas de assistência estudantil são parte das classes populares e busquei em Thompson (2022) elementos para fundamentar o meu entendimento. Entendendo que a categoria classe é formada por homens que se aproximam pelas experiências que partilham, pelos interesses que possuem e que se unem enquanto vivem a sua própria história.

Então, reafirmo que os estudantes que partilham comigo o cotidiano universitário acessaram o ensino superior através de políticas de ações afirmativas tendo como critério a renda, escola pública, raças e/ou etnias ou por ampla concorrência, sendo que em muitos casos, compreendem a graduação como única alternativa de ascensão social e econômica. Esses estudantes são, assim como eu, pessoas provenientes das classes populares e nossas famílias compõem segmentos da população brasileira, que historicamente foram expropriados de muitos de seus direitos fundamentais. No que diz respeito a educação escolar, são pessoas que suas famílias de origem vivenciaram processos sociais que os obrigaram a priorizar a geração de renda em detrimento da escolarização, sendo a maioria deles, a primeira geração a ter acesso ao ensino superior.

Entendo que assim como os estudantes, sou *gente* que lida com *gente*, que sente, que sofre, que se alegra, que carrega uma história de vida, que planeja e que sonha. Não lido com coisas. E é essa relação baseada no respeito que procuro nutrir no exercício da minha prática profissional. Dessa forma, vejo que nos últimos 10 anos, com as políticas públicas de ampliação do acesso a educação de Nível Superior, cresceu também a assistência estudantil como campo de atuação profissional do assistente social e que nós estamos sendo convocados a intervir na questão social, como parte da realidade de vida dos estudantes. Destaco que a questão social sendo desigualdade, é também rebeldia na medida em que envolvem sujeitos que vivenciam as diversas maneiras de expressões das desigualdades e, a ela resistem e se opõem (Iamamoto, 2012).

Ainda no quarto conto, refleti que a ampliação da inserção do assistente social na política pública de assistência estudantil indica a importância deste profissional nas ações de permanência no sentido de viabilizar direitos. Mas, no contexto da prática destaco que o direito a assistência estudantil e a permanência no Ensino Superior ainda se encontram limitada ao entendimento de que este profissional é o responsável pelo acompanhamento dos auxílios financeiros, uma vez que o assistente social, historicamente, tem sido o profissional de referência para realizar o estudo socioeconômico dos estudantes e responsável por todo o processo de seleção dos beneficiários dos auxílios.

Todavia, no contexto da prática, é possível destacar as inúmeras ações desenvolvidas no âmbito da assistência estudantil além dos auxílios e, ao registrar essas ações e reflexões garante maior esclarecimento e entendimento sobre a prática do assistente social no contexto universitário. Dando continuidade aos conhecimentos produzidos nessa pesquisa e em um movimento de ação-reflexão, no quinto conto, retalho *sonho possível*, destaquei que a sociedade brasileira caminha em busca de legitimação da universidade como um direito a todos os grupos sociais e raciais, sendo a reserva de vaga uma política pública de ação afirmativa que se configura como um importante e necessário instrumento de promoção da equidade e da justiça social e racial. Abordei também o *sonho possível* em Paulo Freire (2022b), na medida em que o acesso ao ensino superior até bem pouco tempo elitizado, passou a ser o sonho possível realizando-se para gerações de estudantes oriundos das classes populares. E que, fundamentados por uma dialética da *denúncia* e do *anúncio*, as classes populares assumem uma postura política, vislumbrando os sonhos que pareciam impossíveis. Com isso, coloquei em debate o avanço das políticas públicas que amparam o direito ao acesso a formação de nível Superior às classes populares no Brasil.

Ainda no quinto conto, destaquei também os pensamentos defendidos por Bárbara Carine (2023) quando afirma que as cotas raciais são políticas sociais resultantes do contexto de influência (Ball, 1994 *apud* Mainardes, 2006) com a finalidade de reparação histórica de uma população destituída de direitos em razão de suas características coletivas, cujo acesso aos espaços de poder é viabilizado por meio das cotas. Assim, em relação à democratização e inclusão no espaço universitário, a partir de 2012 considerando o contexto da produção de texto (*idem*) foram criadas diversas legislações, estabelecendo reservas de vagas aos estudantes pretos, pardos, indígenas e

quilombolas e às pessoas com deficiência, bem como para aqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. E, considerando o contexto da prática (1994 *apud* Mainardes, 2006) reafirmo que a leitura que faço olhando para a realidade brasileira, representada pelos estudantes do *Campus* é que as políticas de ações afirmativas nas universidades representam uma conquista, são frutos de reivindicações, mobilizações e luta dos movimentos sociais com o objetivo de uma retratação histórica de violências, desumanidades e privação de direitos de uma população invisibilizada ao longo da história de formação da nossa sociedade. Mas, para que o sonho se torne possível, para além do disposto na lei, há que se considerar também a experiência dos profissionais que atuam no nível da prática, interpretando e ressignificando o texto legal em diálogo com o contexto.

Mais adiante, no sexto conto, retalho *Ser mais*, apresentei minhas reflexões acerca do entendimento de que as políticas públicas não são racionais e organizadas, elas são feitas de caos, confusão e múltiplas influências e disputas (Mainardes, 2021) o que me possibilitou perceber que a assistência estudantil, como política pública em nosso país, ampliou-se como reflexo da luta dos movimentos sociais que surgiram no meio universitário, com ênfase no protagonismo da União Nacional dos Estudantes (UNE), do Fórum de Pró-reitores de Assunto Estudantil (FONAPRACE) e da Associação Nacional dos Dirigentes Pró-Reitores Das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES).

E então abordei que as últimas pesquisas com estudantes de graduação das universidades e institutos federais destacam o processo recente de democratização do acesso ao ensino superior com as políticas de ações afirmativas e, inclusive, com mudanças nos critérios de recrutamento tornando as instituições mais inclusivas. Entretanto, este processo foi atravessado, pela promulgação da Emenda Constitucional nº 95/2016, que restringe os investimentos públicos a partir dos parâmetros de 2016 e os projeta para os próximos 20 anos, colocando em risco a permanência desses estudantes até a conclusão do seu curso. Apesar de considerar os malefícios da legislação citada, é bastante enriquecedor, como aprendizado sobre o ciclo de políticas, quando compreendo que nada é definitivo, que as políticas são reinterpretadas também pelos grupos que de tempos em tempos assumem o poder, explicitando a força do contexto de influência.

Refletindo sobre os ensinamentos aprendidos através da obra “*Sinais*” de Ginzburg (2002) e guiada pelo “paradigma indiciário” dedico-me a observar os

pormenores, as pistas e os detalhes vividos no cotidiano, muitas vezes imperceptíveis para a maioria das pessoas e então consigo perceber que embora represente uma conquista, significativa e relevante a concretização das políticas públicas que prevê a garantia do acesso das classes populares ao ensino superior, público, laico, gratuito e de qualidade, as condições orçamentárias que subsidiam as ações de permanência não acompanharam a inserção desses estudantes nas salas de aulas, no ensino, na pesquisa e na extensão e coloca em risco a universidade federal como um espaço inclusivo e democrático (Ginzburg, 2002. p.151).

No sétimo conto, retalho *Cidadania* abordei o contexto histórico do desenvolvimento da Política de Assistência Estudantil no Brasil, destacando os quase 100 anos de luta para que a assistência estudantil assumisse o formato de uma política pública amparada pela legislação, lei nº 14.914, de 3 de julho de 2024. E, ao longo desse período, é possível os inúmeros movimentos que dele fizeram parte e, nesse exercício de compreender a assistência estudantil no meu cotidiano entendo que o caráter assistencial presente nas políticas sociais representa ao mesmo tempo, o amortecimento dos conflitos entre capital e trabalho e a manutenção da desigualdade social, mas que, sobretudo, revela-se também como inclusão aos bens e serviços prestados direta ou indiretamente pelo Estado que foram ao longo dos anos foram reivindicados pela população. E assim, vejo que a assistência estudantil se configura como um espaço de lutas, confrontos e expansão de direitos (Sposati *et al.* 2007). Movimentos esses que provocam o contexto de influência.

Nessa perspectiva, compreendo que a materialização da assistência estudantil no Campus UFRJ Duque de Caxias possui uma vinculação inequívoca com os direitos de cidadania social visando efetivá-los. Dessa forma, no intuito de ampliar o acesso ao ensino superior às classes populares é dever do Estado, através das ações de assistência estudantil prestar a população um conjunto de benefícios e serviços que lhe é devido, em respostas as suas necessidades sociais. Logo, efetivar direitos sociais representa um dever de prestação de contas por parte do Estado e, principalmente, um direito de crédito à população, garantindo aquilo que é essencial para a qualidade de vida e a sua participação cidadã (Pisón, 1998 *apud* Pereira, 2012).

Ainda no sétimo conto, rememoro que a criação do nosso Restaurante Universitário (RU) no Campus UFRJ Caxias representa a concretização de anos de

mobilizações dos estudantes, juntamente com os servidores para que eles tivessem esse direito efetivado. Narrar essa conquista, refletindo a partir do agora conhecido ciclo de políticas me possibilitou estabelecer relações sobre como o ciclo se constitui. O movimento de luta pela criação do RU no Campus representa o contexto da prática. E, o fato deste restaurante oferecer apenas a refeição de almoço, nos impele a outro movimento para que outras refeições sejam ofertadas, pois, a realidade vivenciada em nosso contexto indica esta necessidade. Pensando no fortalecimento do desenvolvimento da política de assistência estudantil localmente, considero que ainda não conseguimos garantir aos estudantes uma alimentação adequada para encarar a sua rotina acadêmica.

Destaco também que no que se refere à moradia, não temos na UFRJ Duque de Caxias, Residência Estudantil. Mesmo que os estudantes possam participar dos processos seletivos para as vagas destinadas a Residência Estudantil na cidade Universitária e são disponibilizados transportes para que eles cheguem até o nosso Campus e ainda que possam receber financeiramente o auxílio moradia, retomo o “paradigma indiciário” de Ginzburg (2002) e olhando para as pistas e os rastros que me são possíveis observar no cotidiano praticado me levam a acreditar que o proposto não atende à necessidade dos estudantes. Ambas as situações narradas em relação a alimentação e a moradia caracterizam-se como indícios a serem considerados quando da necessária revisão das políticas (Ginzburg, 2002. p.151).

Nesse viés, outra realidade do Campus UFRJ Duque de Caxias que pontuo é um local adequado e climatizado para que os estudantes possam estudar, destacando a importância da existência do espaço da biblioteca do Campus, na medida em que esse setor disponibiliza salas reservadas e que é possível ao estudante agendar horário e reservar um espaço com mais privacidade para os estudos e a realização de trabalhos. Assim, é necessário fortalecer e ampliar este espaço destinado aos estudos dos estudantes, com local amplo, climatizado, com mais quantidade de mesas e cadeiras e com salas reservadas, bem como número maior de livros e computadores conectados a internet. Considero que assim como o material didático, as condições adequadas de estudos também devem fazer parte das ações de permanência.

Dando seguimento a esse reencontro com as narrativas, no oitavo conto, *retalho esperança*, apresento um contexto que representa o empenho e a bravura dos estudantes e de todos nós que fazemos parte da comunidade acadêmica da UFRJ. Assim, abordei

com muito orgulho a construção da Política de Assistência Estudantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e que esse período histórico se entrelaça com o início da minha jornada profissional nesta universidade. Destaco também o envolvimento dos servidores Técnicos Administrativos em Educação (TAE) que compunham na época a Superintendência de Políticas Estudantis (SUPEREST) como um fator essencial para o fortalecimento das ações de assistência estudantil na UFRJ.

Pensando a *esperança* em Paulo Freire, (Streck, 2008) como um fio condutor que alimenta a prática política, e também como vivacidade que fomenta o agir e a luta por mudanças, em uma busca esperançosa foi possível ampliar a estrutura de espaço de trabalho da SUPEREST e também o número de profissionais. Nesse movimento, as equipes das divisões da SUPEREST foram reorganizadas e também foi formada uma equipe para trabalhar com a assistência estudantil no Campus UFRJ em Macaé, logo depois, com a finalidade de fortalecer localmente as ações de assistência estudantil, fui transferida para a UFRJ Duque de Caxias.

Ainda neste conto, seguindo com as conquistas dos movimentos estudantis na UFRJ relato que em 08 de março de 2018, foi aprovada a criação da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PR7), significando uma participação com maior autonomia na gestão da universitária. Posteriormente, em dezembro de 2019, é aprovado o texto da Política de Assistência estudantil da UFRJ (PROES), pensando na ampliação da inserção das classes populares nos cursos de ensino superior oferecidos pela UFRJ, no fomento da equidade social no meio acadêmico e no provimento de melhoria nas condições de permanência dos estudantes na universidade até a conclusão do curso. Mais uma vez, é importante destacar que os efeitos das situações apresentadas influenciam e são influenciados pelos movimentos do contexto. E, *esperançando* vamos fazendo acontecer.

No conto nove, retalho *À sombra desta Mangueira*, admiro o meu cotidiano, direcionando o olhar para minha prática profissional realizada no Campus e destaco algumas características específicas deste local. A primeira que destaco como importante é a relação entre os membros da comunidade acadêmica, sobretudo a comunhão, o acolhimento, o diálogo e a troca sensível com os estudantes. Ao tomar distância vejo também que me faz bem o convívio diário com o corpo discente que muitas vezes, em momentos vagos entre as aulas nos procuram, buscando um acolhimento nos setores para

um café e uma conversa e com isso, temos a possibilidade de estreitamento de vínculo com os estudantes para conhecê-los melhor.

Por outro lado, em relação ao desenvolvimento das ações de assistência estudantil, penso que a estrutura física e a localização do *Campus* por vezes se apresentam como limites que ainda precisam ser superados, mas também como possibilidades. Percebo também que, tendo em vista as avaliações externas, a prática pedagógica, acaba direcionando o ensino, enfatizando o preparo dos estudantes para o mercado de trabalho e isso, somado a escassez de espaços e orçamentos, a assistência estudantil acaba sendo atropelada por outras demandas acadêmicas que envolvem as graduações. Assim, são priorizadas as demandas que impactam diretamente nas avaliações dos cursos feitas pelo MEC. Entendo que uma situação não deveria anular ou enfraquecer a outra mas, como é possível verificar em várias situações narradas, esse avançar e retroceder é o que caracteriza os movimentos de luta.

Sobre as possibilidades mencionadas acima, compreendo que o número reduzido de estudantes que permite o vínculo mais intimista entre nós servidores e o corpo discente nos conduz a um compromisso com o bem estar dos mesmos e também com a qualidade do ensino. Muitos servidores que trabalham ali reconhecem a importância da unidade de ensino para a Baixada Fluminense e para a população caxiense e assim, estabelecem uma relação afetiva e comprometida com a criação e o crescimento do *campus* e em muitos casos, trabalham e continuam trabalhando ali uma vez que suas histórias de vida se relacionam com o lugar e os vínculos de amizades que construíram. Considero assim que esse reconhecimento da política de permanência e as dimensões afetivas tão singulares do contexto de prática facilitam a ampliação do acesso dos estudantes ao direito à assistência estudantil.

No último retalho enfatizo a importância do trabalho da CODESA que desde a criação dos cursos da UFRJ em Duque de Caxias executa suas ações comprometida com o aprendizado e bem estar do estudante, contribuindo para as condições de permanência e o fortalecimento da prevenção a repetência e a evasão. Este é o setor que os estudantes procuram sempre que não encontram respostas em outros setores ou para buscar respostas diante do enfrentamento de problemas econômicos, sociais e de aprendizado. Por meio de algumas vivências no setor narradas neste estudo é possível registrar que o fato dos

estudantes já reconhecerem o setor como referência para seu suporte, demonstra a consolidação do trabalho da equipe que o constitui.

Considerações finais

O apresentado acima vai ao encontro do que defendo como necessário o trabalho dos profissionais na educação de ensino superior pelo fortalecimento dos movimentos sociais estudantis, como condição primordial de toda a comunidade acadêmica e não apenas para aqueles que desenvolvem suas práticas profissionais nas políticas de permanência. E juntos engajarmos na luta constantemente em prol das ações de assistência estudantil para além da alimentação e da moradia. Reflito que, se ainda estamos lutando em prol das necessidades básicas dos estudantes como moradia e alimentação, como iremos também incluir o acesso à cultura, ao esporte e ao lazer, entre outros bens, serviços e direitos? É essencial prover as suas necessidades básicas para que eles tenham condições de olhar para a realidade e conseguir compreendê-la com uma leitura crítica em relação ao contexto social e econômico em que vivem. Mas, as narrativas apresentadas ao longo do estudo, registram que enquanto lutamos, esperamos, fazendo muita coisa acontecer.

E observo que as relações afetivas entre os membros da comunidade acadêmica se encontram representadas no tecer da colcha de retalhos, compreendendo que a costureira ao remontá-la, de retalho em retalho transporta afetos, histórias vividas e compartilhadas que ficam eternizadas nesta colcha e na memória. Assim percebo que a história da assistência estudantil na UFRJ e no Campus UFRJ Duque de Caxias é uma peça única, assinada por muitos, entrelaçando trajetórias individuais que contam uma história múltipla. E quando olhamos para esta grande colcha de retalhos confeccionada por nós, somos capazes de reviver e rememorar cada momento narrado aqui. Entretanto, pensar as políticas educacionais sem essa dimensão afetiva, voltadas apenas para atender às demandas das avaliações externas ou para somente qualificar mão de obra para o mercado de trabalho significa entender a educação como o *patchwork*, uma técnica de artesanato usada para unir retalhos que é produzida a partir de tecidos comprados, que

são frios, não representam as gentes que vivem e fazem o cotidiano acontecer, e que é possível comprar em uma loja como qualquer mercadoria.

Referências bibliográficas

AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de paulo Freire e Walter Benjamin**. Vozes. Petrópolis, 2019

BALL, S. J.; MAGUIRE, M.; BRAUN, A. **Como as escolas fazem as políticas: atuação em escolas secundárias**. Tradução Janete Bridon. Ponta Grossa: UEPG, 2ª Ed. 2021.

BALL, S. J.; MAINARDES J.; **Políticas Educacionais: questões e dilemas**. Cortez. 1ª Ed. 2011.

BALL, Stephen. **Sociologia das políticas educacionais crítico- social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional**. In. BALL, S. J.; MAINARDES J.; Políticas Educacionais: questões e dilemas. Cortez. 1ª Ed. 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. [Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm). Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm> Acesso: 21. Dez. 2022.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da Cultura**. Editora Brasiliense, 2012.

ECKARDT, Fabiana. **O outro sou eu também: A formação de professores das classes populares em diálogo com Paulo Freire e Enrique Dussel**. Curitiba: Appris editora. 2020.

FERNANDES, Cleoni. **Querer Bem**. In. STRECK, Danilo *et al.* Dicionário Paulo Freire. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2008. p.p 341-344.

FREIRE, Ana Maria (Nita). **Inédito Viável**. In. STRECK, Danilo *et al.* Dicionário Paulo Freire. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2008. p.p 331-334.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 47 ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro 2021a.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 4 ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro 2021c.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. 53 ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro 2022a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 73 ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro 2022b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 83 ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro 2022c.

FREITAS, Ana Lúcia. **Sonho Possível**. In: STRECK, Danilo *et al.* Dicionário Paulo Freire. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2008. p.p 390-391.

GARCIA, Regina. **A difícil arte de pesquisar com o cotidiano**. In: GARCIA, R. (org.) Método, Métodos e contramétodo. São Paulo: Cortez, 2003

GARCIA, Regina. **Para quem investigamos, para quem escrevemos: reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador**. In: GARCIA, R. (org.) Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 2011.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário. In: Mitos, emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras: 2ª.ed. 6ª reimpressão. p.p.143- 178. 2002.

HERBERT, Sérgio. **Cidadania**. In: STRECK, Danilo *et al.* Dicionário Paulo Freire. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2008. p.p 74-75.

IAMAMOTO, Marilda. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. Cortez. 23. Ed. São Paulo, 2012.

KRONBAUER, Luiz. **Ação-Reflexão**. In: STRECK, Danilo *et al.* Dicionário Paulo Freire. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2008. p.p 27-28.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Contribuições de Stephen Ball para o estudo de políticas de currículo**. In: BALL, S. J.; MAINARDES J.; Políticas Educacionais: questões e dilemas. Cortez. 1ª Ed. 2022.

MAINARDES, Jefferson. **Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais**. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 94, p. 47-69, jan./abr. 2006.

PEREIRA, Potyara. **Discussões conceituais sobre a política social como política pública de cidadania**. In: BOSSETTI *et al.* Política social no capitalismo: tendências contemporâneas. Cortez. 2. Ed. São Paulo, 2009. p.p. 87-108.

PEREIRA, Potyara. **Necessidades humanas: Subsídios à crítica dos mínimos sociais**. Cortez. 6. Ed. São Paulo, 2011.

PEREIRA, Potyara. **Sobre a política de assistência social no Brasil**. In: BRAVO, M. I.; PEREIRA, P. Política social e democracia. Cortez. 5. Ed. São Paulo, 2012. p.p. 221- 237.

RABELO, Michele Pinto Rocha. **Narrativa, memória e experiências: Diálogos da Política de Assistência Estudantil da UFRJ com o cotidiano**. 1 ed. Rio de Janeiro Autografia, 2026. 160p.

SPOSATI, Aldaiza *et al.* **Assistência na trajetória das Políticas Sociais Brasileiras: uma questão em análise.** Cortez. 9. Ed. São Paulo, 2007.

SPOSATI, Aldaiza *et al.* **Proteção social e seguridade social no Brasil: pautas para o trabalho do assistente social.** Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo, n. 116, p. 652-674, out./dez. 2013

STRECK, Danilo *et al.* **Dicionário Paulo Freire.** Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2008

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

ZITKOSKI, Jaime. **Ser Mais.** In. STRECK, Danilo *et al.* Dicionário Paulo Freire. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2008. p.p 380-382.